O Teosofista

Ano XVII - Número 203 - Edição de Abril de 2024

Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados
Email: indelodge@gmail.com - **Facebook:** SerAtento e FilosofiaEsoterica.com.

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000

Jesus, um Sábio do Deserto

O Reformador Nazareno Recebeu Sua Educação nas Moradas Essênias

Helena P. Blavatsky

Jesus preferiu a vida independente de um *nazaria* errante [Pintura de William Dyce]

Foi dada a um contemporâneo de Jesus a possibilidade de mostrar à posteridade, interpretando a literatura mais antiga de Israel, a que ponto a Filosofia Cabalística concordava em seu esoterismo com a dos mais profundos pensadores gregos. Esse contemporâneo,

ardente discípulo de Platão e Aristóteles, foi Fílon, o Judeu. Porque explica os livros mosaicos de acordo com um método puramente cabalístico, ele é o famoso escritor hebreu a quem Kingsley chama de Pai do Novo Platonismo.

É evidente que os terapeutas de Fílon são um ramo dos essênios. Seu nome o indica - **'Εσσαίοι**, médicos. Daí, as contradições, as falsificações e outros desesperados expedientes para reconciliar as profecias do cânone judaico com a natividade e a divindade do Galileu.

Lucas, que era médico, é designado nos textos siríacos como *Asaya*, o essaiano ou essênio. Josefo e Fílon descreveram bastante bem essa seita para não deixar nenhuma dúvida em nossa mente de que o Reformador nazareno, após ter recebido sua educação nas moradas essênias do deserto, e ter sido profundamente iniciado nos mistérios, preferiu a vida livre e independente de um *nazaria* errante, e assim se separou ou se *desnazarianou* deles, tornando-se um terapeuta viajante, um *nazaria,* um curador. Todo terapeuta, antes de deixar sua comunidade, tinha de fazer o mesmo. Tanto Jesus como João Baptista pregaram o fim da Idade **[1]**, o que prova seu conhecimento da computação secreta dos sacerdotes e dos cabalistas, que partilhavam com os chefes das comunidades essênias o segredo exclusivo da duração dos ciclos. Esses últimos eram cabalistas e teurgistas; "tinham seus livros *místicos*, e prediziam os eventos futuros", diz Munk **[2]**.

Dunlap, cujas pesquisas pessoais parecem ter sido coroadas de sucesso nessa direção, constata que os essênios, os nazarenos, os dositeus e algumas outras seitas já existiam antes de Cristo: "Elas rejeitavam os prazeres, *desprezavam as riquezas*, *amavam uns aos outros* e, mais do que outras seitas, desprezavam o matrimônio, considerando o domínio sobre as paixões como uma virtude" **[3]**, diz ele.

Todas essas virtudes eram pregadas por Jesus; e se devemos aceitar os Evangelhos como um padrão de verdade, Cristo era um partidário da metempsicose, um *reencarnacionista* - tal como esses mesmos essênios, que eram pitagóricos em todos os seus hábitos e doutrinas. Jâmblico afirma que o filósofo samiano passou algum tempo com eles no monte Carmelo **[4]**. Em seus discursos e sermões, Jesus sempre falou por parábolas e empregou metáforas com seus ouvintes. Esse hábito é também característico dos essênios e dos nazarenos; os galileus que habitavam em cidades e aldeias jamais foram conhecidos por empregarem tal linguagem alegórica. Na verdade, sendo alguns de seus discípulos galileus, como ele próprio, ficaram estes surpresos ao vê-lo empregar tal modo de expressão com o público. "Por que lhes falas por parábolas?", perguntavam com frequência. "Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não", foi a resposta, que era a de um iniciado. "É por isso que lhes falo por parábolas: porque veem sem ver, e ouvem sem ouvir, nem entender." **[5]** Além disso, vemos Jesus expressando ainda mais claramente seus pensamentos - e em sentenças que são puramente pitagóricas - quando, durante o *Sermão da Montanha*, diz:

"Não deis o que é sagrado aos cães,
Nem atireis as pérolas aos porcos;
Pois os porcos as pisarão
E os cães se voltarão e vos morderão."

O Prof. A. Wilder, o editor de *Eleusinian and Bacchic Mysteries*, de Taylor, observa "uma idêntica disposição da parte de Jesus e Paulo para classificar suas doutrinas como esotéricas e exotéricas, 'os mistérios do Reino de Deus para os apóstolos' e 'parábolas' para a multidão. 'Pregamos a sabedoria', diz Paulo, 'àqueles dentre eles que *são perfeitos*' (ou iniciados)" **[6]**.

NOTAS:

[1] O significado real da divisão em *eras* é esotérico e budista. Os cristãos não iniciados tão pouco o compreenderam que aceitaram as palavras de Jesus *literalmente* e acreditaram firmemente que ele falava do fim do mundo. Já antes houvera muitas profecias sobre a era vindoura. Virgílio, na quarta *Écloga*, faz menção a *Metatron* - uma nova prole que terminará com a *idade de ferro* para renascer com a *idade de ouro*.

[2] *Palestine*, p. 517 e s.

[3] Dunlap, *Sōd, the Son of the Man*, p. XI.

[4] T. Taylor, *Iamblichus' Life of Pythag*., p. 10; Londres, 1818. Munk deriva o nome *Iesseus* ou Essênios do siríaco *Asaya* - os curadores, ou médicos, assinalando, dessarte, a sua identidade com os terapeutas egípcios. - *Palestine*, p. 515.

[5] *Mateus*, XIII, 10-3.

[6] Página 47, na quarta edição.

000

O artigo acima foi reproduzido da obra "Ísis Sem Véu", de H. P. Blavatsky, Ed. Pensamento, São Paulo, volume III, pp. 131-132. Leia mais sobre Jesus no Deserto em *Lucas, capítulo 4.*

000

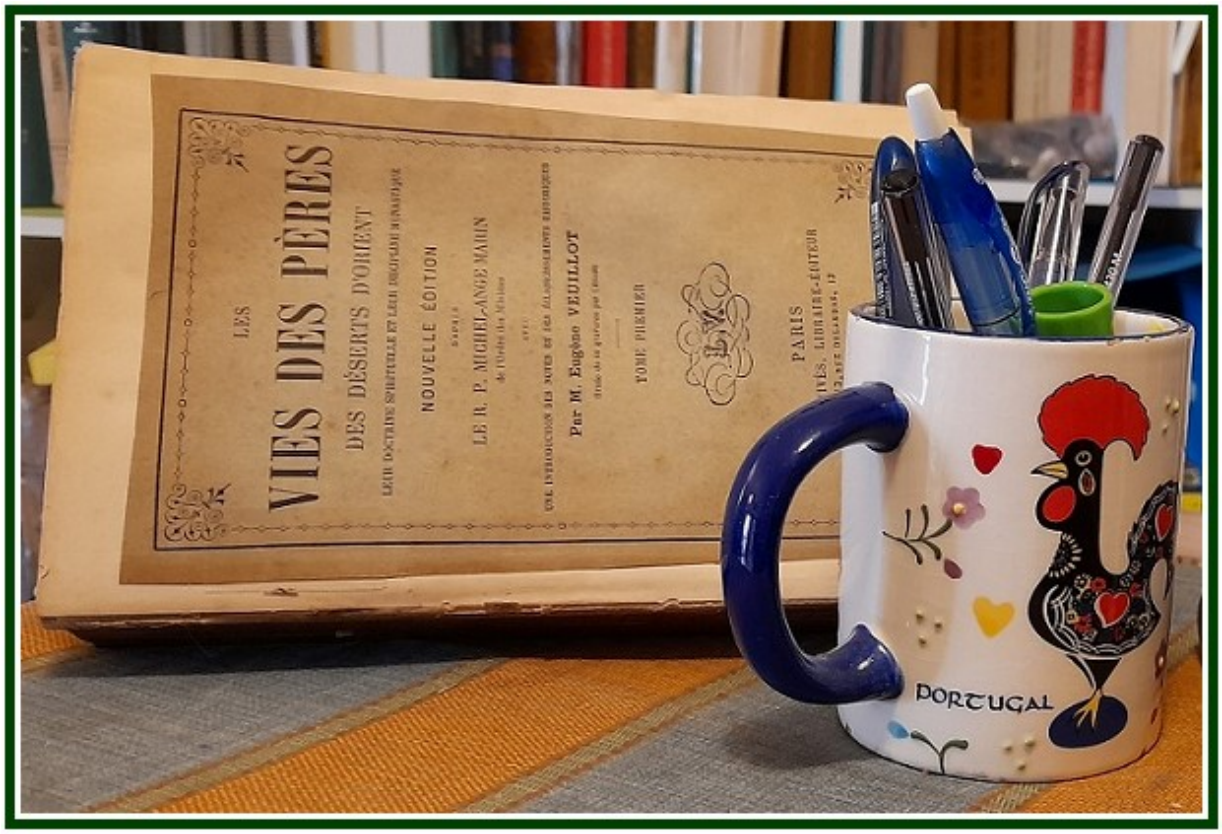
Lembrando que Jesus é um Judeu

Às vezes é fascinante olhar para a história humana desde o ponto de vista do primeiro objetivo do movimento teosófico.

Clique para ver o texto completo

000

Livro Raro Faz Viagem no Tempo Antes de Chegar a Seu Destino



"Les Vies des Pères des Déserts D'Orient", Nouvelle Édition, Michel-Ange Marin, Tome Premier, Louis Vivès Libraire-Éditeur, Paris, 1886, 478 páginas. Foto do exemplar durante reparos em 25 de março de 2024.

Com as páginas ainda unidas e por abrir, um exemplar do volume I de "Les Vies des Pères des Déserts d'Orient", de Michel-Ange Marin, edição 1886, chegou à biblioteca da Loja Independente de Teosofistas em março de 2024. Apresentava escoriações e manchas de oxidação, embora nunca tivesse sido lido ou sequer folheado por alguém.

Michel-Ange Marin nasceu em 1697, e viveu até 1767. Nos anos 1880, a sua obra tinha mais de um século de existência, e era um clássico, quando mereceu uma *nova* edição, revisada.

Na primeira metade de 1886, Helena Blavatsky estava em Würsburg, Alemanha. Em julho transferiu-se para Ostende, na Bélgica. Em 1887, instalou-se em Londres. Deste modo, quando o livro de Marin sobre os Padres do Deserto saiu da gráfica, havia ao redor dele a mesma aura magnética e a mesma atmosfera tanto densa como sutil da Europa em que vivia Blavatsky. Foi uma longa viagem pelo tempo, até ele desembarcar por correio expresso na biblioteca da LIT, ainda sem ser lido por ninguém.

Em 1886, os livros eram vendidos com as páginas unidas umas às outras, em grupos de 8. O hábito continuou até metade do século 20. Antes da leitura, as folhas precisavam ser

separadas manualmente com uma faca ou espátula. Foi assim que o livro sobre os Padres do Deserto chegou à biblioteca teosófica da LIT.

Embora este volume da obra de Michel-Ange Marin nunca tenha sido lido, teve que enfrentar problemas ao longo da viagem pelo tempo. A capa e a contracapa, assim como primeira e última folhas, chegaram a 2024 no processo de desfazer-se. Porém, uma vez que a cola dos consertos secou, já foi possível lê-lo virando as páginas de modo natural como qualquer outro livro.

Os ensinamentos dos padres do deserto são reconhecidos tanto pela igreja ortodoxa russa (e grega) quanto pelos católicos e protestantes. Naturalmente, são vistos como importantes pelos teosofistas.

000

Antes dos Padres do Deserto

A Vida Monástica dos Essênios

Eugène Veuillot

O livro «Les Vies des Pères des Déserts D'Orient» na biblioteca da LIT, e uma pedra de ágata verde da Loja Independente, sendo usada como peso

A vida monástica teve seus precursores na antiga aliança; mas foi a nova aliança que a aperfeiçoou. "Já na religião mosaica", diz Cantu, apoiando-se em Fílon, "havíamos visto pessoas piedosas que, para se dedicarem mais exclusivamente à vida contemplativa, abandonavam os seus bens, a sua pátria, e retiravam-se para lugares desertos".

“Esses solitários pertenciam aos essênios e em grego eram chamados de terapeutas; eles viviam principalmente ao redor do Lago Mœris, no Egito, em moradias separadas, mas não tão distantes que não fosse possível a ajuda mútua contra os bandidos.”

“Eles viviam em abstinência, não ingeriam nada até depois do pôr-do-sol; e alguns se alimentavam a cada três ou seis dias, comendo apenas pão, e acrescentando no máximo ervas aromáticas e sal **[1]**. As suas roupas estavam em harmonia com este regime austero. Rezavam de manhã e à noite, e passavam o resto do tempo lendo, meditando nos livros sagrados, procurando alegorias, compondo hinos e cantando-os **[2]**.”

Eles faziam exercícios em comum e se reuniam a cada sete semanas para comer e orar juntos. As mulheres eram admitidas nessas reuniões.

NOTAS:

[1] Cabe observar: o clima do Egito permitia formas de abstinência que seriam impossíveis em países frios.

[2] César Cantu, História Universal, t.v, p. 547.

000

Reproduzido da Introdução de Eugène Veuillot ao livro «**Les Vies des Pères des Déserts D’Orient**», Nouvelle Édition, R.P. Michel-Ange Marin, Tome Premier, Louis Vivès Libraire-Éditeur, Paris, 1886, 478 pp. Veja a página XIII.

000

Fontes Orientais da Sabedoria Cristã

Um Estudo Comparado Sobre a Arte de Agir com Ética

Há uma mesma ética e uma sabedoria universal comuns às mais diferentes crenças e linguagens religiosas. A percepção desse fato elimina gradualmente as *causas* de fenômenos sociais como intolerância política ou religiosa, guerras, terrorismo, crime organizado e falta de ética.

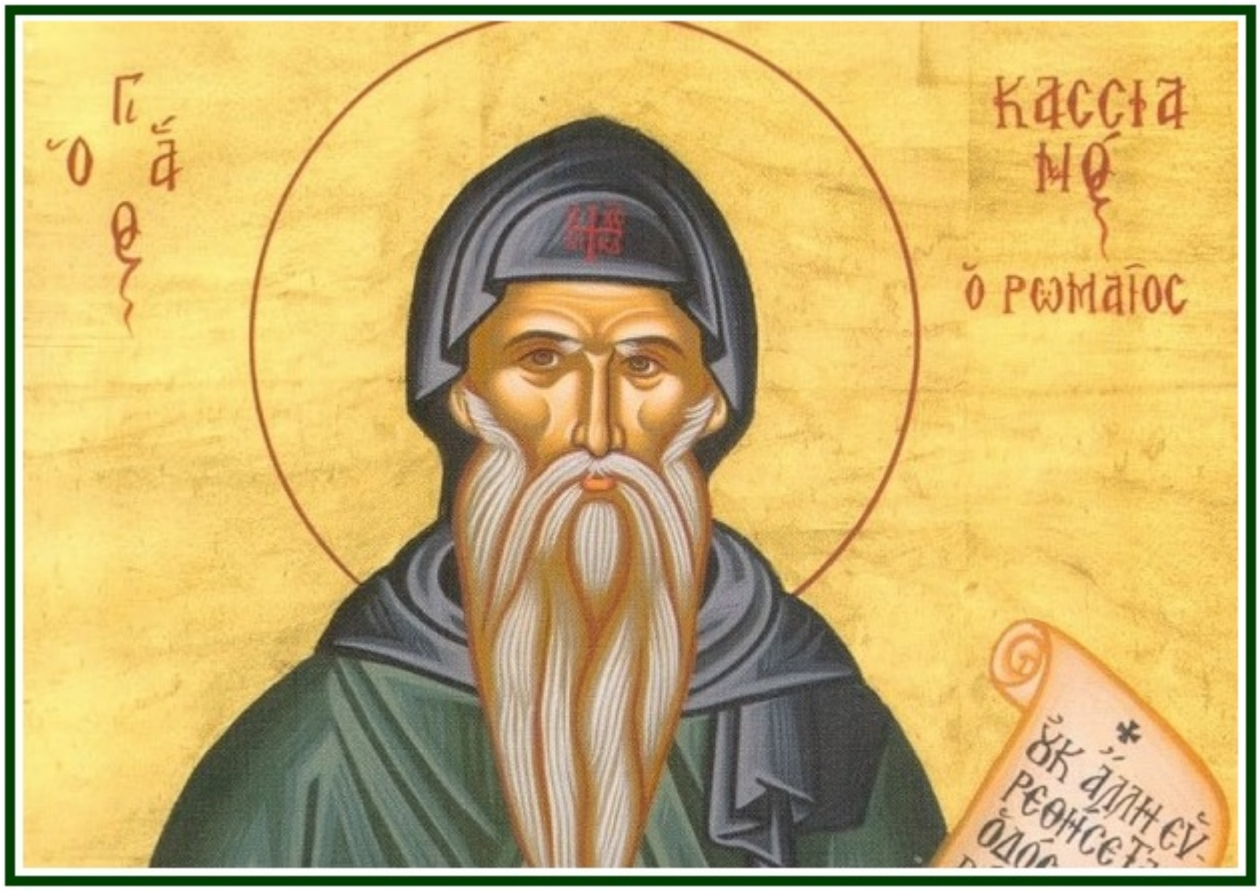
Rompendo os muros da crença compartimentada e cega, o estudo comparado das religiões faz com que a má vontade entre os seres humanos desapareça de modo natural, como resultado prático da ampliação de horizontes.

Clique e Leia o Artigo Completo

000

Disciplina Diária:

O Paradoxo da Vontade Humana



João Cassiano (360-435 da era cristã), um dos maiores pensadores no campo dos Padres do Deserto. Pintura: autor desconhecido.

A mística cristã - por exemplo na tradição dos Padres do Deserto **[1]** - afirma que o buscador da sabedoria deve abandonar a vontade própria. Já outros autores, como Jean des Vignes Rouges, afirmam que é necessário fortalecer a vontade individual.

Há aqui uma contradição, uma incoerência? Será necessário optar por uma destas ideias?

A verdade é que, como em tudo na vida, precisamos observar com atenção como são usadas as palavras. Quando o verdadeiro místico cristão fala de "abandonar a vontade própria", ele está mencionando o abandono da vontade do eu inferior, da vontade terrestre, densa, centrada no eu pessoal.**[2]**

Quando o estudante de filosofia e o teósofo falam do fortalecimento da vontade, referem-se à vontade espiritual, a vontade de fazer o bem, a vontade de agir corretamente e de modo responsável, que só pode ser fortalecida pela derrota dos desejos e "vontades" inferiores.

O setor mais denso do eu inferior talvez seja teimoso, ambicioso, egoísta, determinado, mas aquela parte mais evoluída do eu inferior, que é leal ao eu superior, "tem uma vontade forte" no sentido de que luta, enfrenta e derrota a rotina egocêntrica dos automatismos densos.

Em qualquer religião, o místico pedagogicamente bem informado fortalece e educa a sua vontade impessoal de ser justo, a vontade racional e espiritual. A sua disciplina diária é intensa. Ele renuncia à sua vontade inferior e educa a sua vontade superior de agir corretamente.

Em mais de uma passagem, as Cartas dos Mahatmas deixam claro que, se alguém quer aspirar ao Discipulado, é indispensável enfrentar diretamente e derrotar as suas paixões humanas e animais. A batalha não é suave nem simples. E esta é também uma meta dos Padres do Deserto. Eles viveram antes da criação dos grandes mecanismos de burocracia eclesiástica e estrutura sacerdotal. Trabalharam quase sempre à margem do cristianismo imperial centralizado que já surgia aos poucos.

O movimento teosófico não parece ter hoje uma clara compreensão da necessidade desta luta consigo mesmo por parte de cada buscador da verdade. O esforço depende de uma disciplina diária sem pausa, e a necessidade dela está claramente sinalizada nas Cartas dos Mestres e em todos os ensinamentos originais da teosofia.

Não faz sentido perder demasiado tempo discutindo quem são os culpados por esta falha coletiva.

Uma vez que haja uma visão estável da tarefa a realizar, surgirão o modo e a ocasião adequados para recuperar um enfoque prático da teosofia. A ideia da Escola Esotérica, criada em 1888 por HPB, era precisamente reunir os estudantes mais sérios de teosofia, aqueles que estão dispostos a travar uma luta diária pela sua própria purificação e libertação da ignorância. Este esforço torna possível, pouco a pouco, sintonizar pessoalmente com a Lei e a Verdade.

NOTAS:

[1] Vivendo nos primeiros séculos da era cristã, os Padres do Deserto foram influenciados pelo judaísmo, pelos Essênios e pela filosofia clássica grega e romana, incluindo o neoplatonismo teosófico. Naqueles tempos havia um convívio criativo entre diferentes religiões e filosofias, com enriquecimento mútuo.

[2] Como em Lucas, 22:42: "… Seja feita a Tua vontade, não a Minha". O Senhor, aqui, explica Helena Blavatsky, representa o eu superior do discípulo, que é Um com o seu Pai, sua Mônada, seu Atma.

000

Clique para ler o texto de H. P. Blavatsky:

O Mistério dos Templários

A Verdade Sobre a Ordem dos Cavalheiros de João Baptista

000

O Conhecimento Correto Derrota o Hábito de Viver na Subconsciência

Na percepção automática das coisas que orienta a vida de todos os dias, costumamos pensar que o ser humano é feito de uma peça só. A verdade é que cada humano tem numerosos níveis e subníveis de consciência em si.

Há várias vozes falando na alma o tempo todo. Cabe conhecer as suas “alegações” e pontos de vista, e saber que hábitos predominam em geral. Especialmente se já temos um propósito central definido, é preciso decidir quais vozes devem predominar nesta ou naquela situação. Esta tarefa, no entanto, é algo complexo, e requer sabedoria.

Quando o estudante de filosofia esotérica faz um esforço constante em disciplina diária, surgem para a luta os setores mais opacos do subconsciente, com os seus padrões rotineiros supostamente confortáveis, que são sustentados pelo hábito de viver e de tomar decisões de maneira subconsciente.

Sentindo-se pressionados pelo esforço que o peregrino faz para melhorar, os hábitos opacos se resistem a aceitar a mudança no modo cotidiano de agir. Tratam de boicotar a disciplina do aprendiz tentando convencer o consciente de que a mudança é desnecessária; de que ela é exagerada; que pode ser deixada para mais adiante, que não faz sentido, ou é simplesmente idiota. Entre as pessoas que rodeiam o peregrino, com frequência há gente que procura ridicularizar toda forma de busca espiritual. O medo do ridículo é um dos adversários a enfrentar, segundo alertam os Mestres de Sabedoria.

Por outro lado, é um fato que a preguiça possui uma imaginação fantástica.

Conheço pessoas que passam longos anos postergando o esforço espiritual sério, sempre com argumentos aparentemente espirituais, até que um dia, sentindo-se mais velhos, partem para o outro extremo, e passam a usar a desculpa de que "é tarde demais".

O subconsciente derrotista é enfático e astucioso, tem muita convicção, mas geralmente não usa argumentos racionais bem articulados.

Se o esforço pelo progresso espiritual perseverar, há duas etapas básicas na reação do subconsciente opaco diante da presença "estranha" do padrão renovador. Na primeira, o subconsciente opaco mostra repetidamente ao consciente imagens derrotistas do padrão vital anterior, e todas estas imagens desastradas do passado parecem provas enfáticas de que o erro está demasiado enraizado para que possa ser corrigido ou substituído por algo saudável. A cada imagem da derrota acumulada, é como se o subconsciente dissesse:

- "O que eu faço diante disso? Como você explica tal situação? Onde está a saída para este fracasso tão grave?"

Esta primeira etapa é a fase em que o peregrino pensa:

- "Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece".

É o carma dos erros acumulados - um carma em grande parte coletivo - que vem para cima da mesa e derrota uma a uma as tentativas de melhorar. Porque o peregrino não enfrenta apenas a sua ignorância. Enfrenta a ignorância acumulada pelo seu país, pela sua comunidade, pela espécie humana como um todo, pela sua família e pelos seus colegas de aprendizagem espiritual, inclusive. H.P. Blavatsky deixa isso claro no memorando preliminar da sua tentativa de construir uma escola esotérica.

O que fazer?

A resposta correta é sempre a mesma: o aprendiz bem informado evita o poder hipnótico da derrota e prepara gradualmente a sua vitória, enquanto ajuda outros a avançarem na mesma direção.

Ele persevera sem dar atenção aos fatalismos aparentemente inesgotáveis, disfarçados de bom senso, que surgem "com grande força" do subconsciente opaco. Cabe até rir destes fatalismos, porque, olhando bem, eles são mesmo ridículos.

Diante do paradoxo expresso nas palavras "quanto mais eu rezo, mais assombração aparece", a tradição mística dos Padres do Deserto tem boas alternativas. O desafio é enfrentado por todos os que tratam de melhorar a si mesmos, porque o bom carma da prática espiritual demora a amadurecer, e são logo derrubadas as expectativas de uma "vitória rápida", alimentada pelos mais ingênuos. Como resposta a este obstáculo, os Apotegmas dos Padres do Deserto propõem a prática consistente da humildade, incluindo dois termos de origem grega: 1) *Penthos* ou *Pentos*, remorso pelos erros passados, contrição, arrependimento; e 2) *Apsephiston*, termo que, definido grosseiramente, significa saber que sou insignificante, ou, para usar as palavras famosas de Sócrates, "só sei que nada sei".**[1]** Nos anos 1960, na pequena cidade onde vivia sua infância um dos editores de "O Teosofista", circulava uma pequena piada de mau gosto entre as crianças de uma escola pública; mas esta piada pouco feliz transmitia, conforme verificou-se mais adiante, a essência da ideia de *Apsephiston*. Diz um jovem estudante para o outro: "Meu amigo, vem aí uma onda gigantesca do mar que vai encobrir tudo e todos mas tu não corres perigo algum. "E por quê?" pergunta o mais ingênuo.

"Porque *merda não afunda*", responde o jovem espertalhão. O diálogo excessivamente informal ilustra o fato de que, quando vivemos humildemente, fazemos menos drama diante das dificuldades da vida.

Quando o esforço da disciplina prossegue sem vaidade e "contra todas as aparências", o plantio da purificação avança com força. Surge, então, a segunda fase desta caminhada: o subconsciente perde a sua face derrotista. Ele começa a mostrar as imagens das derrotas passadas de modo que sugere palavras diferentes:

- "Agora estou livre desta forma de fracasso. Neste momento já não fico hipnotizado pelo medo disso ou daquilo. Aquele evento infeliz já não me atinge mais. Agora aquele sofrimento passado ganha um novo significado para mim, e um significado mais positivo."

A quantidade de obstáculos diante do peregrino não faz muita diferença. Uma vez que a prática espiritual seja inofensiva e justa, cabe plantar o que é bom, mesmo desafiando o auge do inverno. A colheita virá a seu tempo. O esforço espiritual deve avançar sempre, ainda que o progresso pareça invisível, e especialmente quando chegam vozes do subconsciente opaco afirmando e garantindo que o esforço é inútil. E aos primeiros sinais de vitória, a chave está em continuar vigilante.

Toda vitória - assim como cada derrota - é mais um desafio e deve ser acolhida com completa humildade.

Quando a esperança aumenta, cabe redobrar o esforço na caminhada para a luz. E cada vez que surge o gosto da vitória, é o momento certo para o peregrino usar mais do que nunca a espada do discernimento e da intenção nobre, defendendo o seu progresso das inúmeras armadilhas "agradáveis" que vêm até ele.

A força durável do praticante de teosofia depende de um realismo com bom senso, cuja base está no estudo paciente da Lei Una e do tempo eterno.

NOTA:

[1] Veja "Las Sentencias de los Padres del Desierto", Recensión de Pelagio y Juan, Biblioteca Catecumenal, Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao, 1989, 372 pp., examinar mais precisamente pp. 34-35 e 193-194.

000

Veja alguns fatos surpreendentes Sobre as etapas do caminho teosófico:

Kohlberg e os Estágios da Consciência Ética

https://www.filosofiaesoterica.com/kohlberg-e-os-estagios-da-consciencia-etica/

000

Uma Lição de Roma Antiga:

Um Diálogo de Duas Moscas Durante a Chegada do Imperador

Nos Ioga Sutras de Patañjali, uma das qualidades positivas a desenvolver é Asteya, a abstenção do roubo. A ideia é mais complicada do que parece, porque há roubos subconscientes.

Alguns setores do eu inferior, por exemplo, estão sempre dispostos a roubar o lugar do eu superior, isto é, da alma imortal.

Quantas vezes, apesar das suas enormes imperfeições, o eu inferior tenta atribuir a si mesmo as características da alma imortal e se considera infalível, digno de todo aplauso e sinceras homenagens?

Conta-se que certa vez, durante o império romano, o imperador chegava à cidade capital depois de uma grande vitória militar. Era de manhã e o dia estava ensolarado. De pé na sua quadriga - carro de guerra puxado por quatro cavalos - o imperador sorria e saudava com a mão o povo reunido para aplaudi-lo no momento de glória. Mas a quem pertencia a glória?

Um pedaço de esterco, produzido pelos cavalos, estava grudado à parte de fora do carro do imperador. Firmemente instaladas naquela substância orgânica, duas moscas conversavam com toda comodidade, enquanto desfrutavam do seu café da manhã e viviam o momento da chegada a Roma.

Apontando para a multidão que aplaudia, a mosca mais experiente disse à sua colega:

- Estás vendo como sou popular neste local?

E interrompeu a refeição, passando a saudar o povo com suas patas dianteiras. Olhava ao mesmo tempo para a sua colega, como se dissesse com satisfação:

- Olha bem - é um momento histórico.

Qual é a lição do episódio?

Frequentemente este é o comportamento do eu inferior, no mundo interno de quem trata de buscar a sabedoria. Cada vez que o peregrino obtém uma vitória no caminho do autoaperfeiçoamento, o eu inferior se prepara para receber os aplausos, enquanto diz a si mesmo:

“Esta vez estive de fato magnífico”.

O imperador-guerreiro representa aquela parte do eu inferior que vai à luta e vence batalhas na busca da verdade. Ele destrói os aspectos mais grosseiros da ignorância e amplia a área de autoconhecimento do aprendiz. As duas moscas, viajando na parte inferior externa da carroça, representam os aspectos atrasados do eu inferior. Os insetos vivem a situação de escravos da comodidade. Fazem um banquete com coisas pouco saudáveis. E para vencer o tédio, cultivam a vanglória com base na fantasia.

Todo ser humano tem dentro de si um imperador-guerreiro e uma mosca, ou duas. Cabe renunciar ao banquete cheiroso desfrutado pela mosca, para trilhar o caminho íngreme do guerreiro autorresponsável.

É a combinação da coragem com a humildade que produz a vitória. É fácil ter coragem, se não houver humildade. E qualquer um pode ser humilde, se não houver coragem. Mas o mérito está em somar estas duas qualidades e administrá-las com base no discernimento e no bom senso.

Para isso considera-se útil compreender alguns fatos básicos:

* O eu inferior não vive muito tempo: com frequência, menos de um século.

* Ele é imperfeito.

* Além de durar pouco, o eu inferior tem dificuldades de aprendizagem e, como certos animais domésticos, é teimoso.

Mas o eu inferior também pode trabalhar com lealdade por aquilo que é permanente.

Apesar das dificuldades, ele é capaz, pouco a pouco, de aprender. Está a seu alcance lutar para corrigir seus próprios erros, porém não consegue eliminar os erros dos outros. Perseverando na direção correta, ele pode libertar-se de uma grande quantidade de ignorância.

000

Lições de Um Bicho-Preguiça

O Poder Revolucionário das Situações Tediosas

Algumas verdades são tão evidentes que são cansativas, mas devem ser elogiadas todos os dias, porque são a chave da vitória. Há vastos setores do nosso subconsciente que gostariam que esquecêssemos delas.

Talvez não exista mantra mais enfadonho, nem mais valioso, do que este:

"O importante para minha felicidade não são as novidades externas. É a Perseverança Interior".

Outra tarefa claramente tediosa, mas dotada de um grande poder revolucionário, é lembrar sempre dos seguintes fatos:

"As dificuldades são indispensáveis para que a vontade se fortaleça. Uma determinação de ferro é o instrumento básico para fazer algo de útil na vida. Portanto, sou grato a cada um dos obstáculos que enfrento. Dou boas-vindas aos imprevistos que me desafiam. As pessoas e circunstâncias desagradáveis são fontes de lições sagradas."

De onde vem a sensação de tédio diante da necessidade de perseverar na disciplina, durante o dia de hoje e durante a vida inteira?

Rejeitar o cumprimento estável do dever é adotar a atitude do bicho-preguiça diante da vida.

O bicho-preguiça que vive na natureza expressa, no seu nível de consciência, a sabedoria natural da Lei do Equilíbrio que rege o universo. Mas o peregrino humano precisa agir de acordo com a sua própria natureza, num nível mais avançado de compreensão, e por isso vai além do seu irmão Preguiça.

A ignorância espiritual procura infiltrar-se subconscientemente na nossa atitude diante da vida. E quase sempre consegue. Daí a necessidade de vigilância.

O peregrino sensato considera o bicho-preguiça como um irmão e um mestre. Aprende com ele não só a arte de viver em paz com a natureza, mas também a ciência interior que permite estar livre de ansiedades de curto prazo.

Ao mesmo tempo, o peregrino consciente sacode a indulgência e vai adiante na escala evolutiva. Ele sabe que viver plenamente como ser humano significa ser responsável por si mesmo, e usar com sabedoria o tempo disponível, uma hora depois da outra.

000

Leia mais:

* **Como Educar a Vontade**.

* **O Poder da Vontade Espiritual**.

* **Oração Pela Comunidade Planetária**.

000

Ligue a Luz da Atenção

Deixe de lado a atmosfera mesquinha fabricada por egoísmos infantis em luta. Amplie o seu horizonte para além das ações cegas.

Use a teosofia clássica como uma lâmpada, e olhe para sua vida diária à luz da alma imortal.

É possível construir lentamente uma Escada de Jacó, uma ponte viva entre o humano e o sagrado em sua existência diária.

Ingresse gratuitamente no grupo SerAtento em Google Groups:

https://groups.google.com/g/seratento

Ingresse no grupo **SerAtento** e estude um pouco de teosofia todos os dias:

https://groups.google.com/g/seratento

000

Ideias ao Longo do Caminho

A Vigilância, a Atenção e o Despertar Interior da Alma

Estêvão Cruz e o Fenômeno da Atenção

* Quando aplicamos o nosso espírito ao ato de viver, há atenção; e, na ausência do espírito, ocorre a distração.

* A ideia, anotada em 1932 por Estêvão Cruz em seu Compêndio de Filosofia **[1]**, é mais profunda do que parece e precisa ser usada na vivência teosófica. Ela nos convida a observar *se o Espírito está mesmo presente no que fazemos*, ou se agimos de maneira inconsciente, sem a presença da alma.

* Estêvão Cruz prossegue na mesma página 78 com afirmações básicas capazes de renovar a vida do estudante, se forem olhadas sem pressa e em profundidade:

* "*A atenção é a função da consciência, pela qual esta se aplica a um objeto, discriminando-o de outros* [objetos] *simultâneos*. Da definição se colhe que a característica essencial da atenção é representar a consciência na sua função de discriminação, ou, por outras palavras,

determinar a prevalência de um estado de consciência sobre os demais, de tal forma que a mente se concentre exclusivamente nele.” E isso constitui Ioga.

* Para Estêvão, o uso da atenção pode ser espontâneo ou voluntário. No primeiro caso ele é comum aos seres humanos e aos animais. A atenção voluntária é exclusiva do ser humano. Quando ela se aplica ao objeto com intensidade e com um método definido, ganha o nome de *meditação*.

* A agitação urbana moderna rouba de muitos a serenidade necessária para uma verdadeira atenção. Quando a alma se liga à realidade eterna e essencial da vida, ela se liberta das inutilidades e começa a viver de fato. Estêvão afirma: “A ação da atenção se estende a todo o organismo, desde os sistemas reflexos e sensoriais à respiração, circulação do sangue, função digestiva, etc. Torna as sensações mais claras, aumenta a velocidade dos processos psíquicos, cria imagens, provoca associações, etc.” **[2]**

* A atrofia da atenção ocorre pelo aumento das ações e reações automáticas. A expansão do automatismo, por sua vez, resulta do aceleramento excessivo da vida, o que leva o indivíduo a ilusões e mesmo ao delírio. Não há tempo para que exista um pensamento próprio: o raciocínio independente deixa de ocorrer por causa da velocidade ilógica das ações.**[3]**

* Segundo a teosofia vivencial, o silêncio acompanha e ilumina as operações mentais saudáveis. O pequeno silêncio entre uma frase e outra tem importância decisiva porque permite a compreensão interior.

* Deste modo, podemos ver que a aceleração constante do ritmo moderno da vida cotidiana serve para impedir a consciência própria por parte dos cidadãos, tornando mais fácil *no curto prazo* a dominação dos pensamentos através de propaganda e mecanismos subconscientes de reflexos condicionados. A médio e longo prazo, porém, esta dominação é inviável e se volta contra os aprendizes de feiticeiro que manipulam os seus semelhantes. Assim, vale o ditado popular: “todo feitiço se volta contra o feiticeiro”.

* Estêvão Cruz vincula a aceleração excessiva do curso das ideias não só à atrofia da atenção, mas ao delírio, à histeria e a outros fenômenos doentios que, como se sabe, ocorrem também coletivamente. (Veja a p. 83 da obra citada.) Neste processo, a opinião apressada, induzida por propaganda que age diretamente sobre o subconsciente, substitui o conhecimento próprio. A ignorância organizada se torna febril e as ansiedades provocam atitudes agressivas ao lado do medo e do pânico. Assim nascem guerras.

* No entanto, ali onde a alma não está, não há futuro. Só a atenção do espírito torna uma situação durável. E a durabilidade do que é verdadeiro não está na sua manifestação externa, mas na essência interior dos fatos. Iludir os outros, tratar de fazer o papel de “esperto”, é o mesmo que iludir a si mesmo, fazendo isso, aliás, de uma maneira especialmente infeliz. A busca ilusória de poder superficial produz derrotas acachapantes, que servirão de lição.

Jean des Vignes Rouges:
Conservando Um Estado de Vigilância

* Jean des Vignes Rouges escreveu: “O ato de querer envolve a obrigação de manter um estado de vigilância. Trata-se de estar pronto para atacar, parar, responder. O homem que se

permite '*ser tomado de surpresa*' não sabe querer. Agora vejamos, quantos erros nós cometemos, como consequência do abandono da vigilância!" **[4]**

O Poder da Verdade: Qual é a Força da Inteligência Artificial?

* Na foto, uma pequena imagem da deusa romana *Veritas*, que com frequência se confunde com a deusa da Justiça, porque verdade e justiça são inseparáveis.

* Se acreditarmos nas aparências, pensaremos que "hoje quase tudo é artificial - até a inteligência". Mas o verdadeiro poder é o poder da Verdade. Nenhuma opinião induzida coletivamente poderá jamais substituir os fatos reais. A verdade sempre vem à tona e domina o Destino cedo ou tarde.

Helena Blavatsky, a Mídia, e a Necessidade do Despertar Interior

* Como a imprensa norte-americana se comporta em relação às exigências éticas que estão colocadas diante dela, e como reage aos ensinamentos da sabedoria oriental?

* A pergunta é válida para os comunicadores sociais portugueses e brasileiros. Helena Blavatsky escreveu em 1877:

* "Os mercenários e os parasitas da Imprensa, que prostituem sua eficiência e poder e desonram tão nobre profissão, zombarão facilmente de coisas demasiadamente surpreendentes para a sua inteligência; para eles o preço de um parágrafo conta mais do que o valor da sinceridade. De muitos virão críticas honestas; de muitos - impropérios. Mas nós olhamos para o futuro." **[5]**

* Embora a situação seja semelhante no século 21, há alternativas. Os comunicadores sociais

honestos crescem em número. É uma bênção questionar os consensos formados por apego ao conforto.

* O despertar interior das almas provoca um tipo de mudança social construtiva, que não faz ruído, porque ocorre de dentro para fora. Como ele não é barulhento, os desinformados não sabem que ele está acontecendo. O poder deste processo de cura é tão antigo quanto a substância imortal da boa vontade. Ele elimina a doença do ódio enquanto transmite silenciosamente o exemplo da cooperação. No momento certo, o fato se tornará visível para todos.

(CCA)

NOTAS:

[1] "Compêndio de Filosofia", Estêvão Cruz, Editora Globo, Porto Alegre, RGS, 1932, 636 pp., ver p. 78.

[2] "Compêndio de Filosofia", Estêvão Cruz, 1932, p. 80.

[3] "Compêndio de Filosofia", p. 83.

[4] Reproduzido do livro «Dictionnaire de la Volonté», de Jean des Vignes Rouges, Éditions J. Oliven, Paris, 320 pp., 1945, p. 310.

[5] "Ísis Sem Véu", Helena P. Blavatsky, Editora Pensamento, São Paulo, Brasil, Volume I, 339 pp., ver p. 69.

000

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal da Loja Independente de Teosofistas.**[1]**

Dia 19 de abril havia 3331 itens em nosso **acervo**, dos quais 36 estavam em **francês**, 1475 em **português**, 1459 em **inglês** e 334 em **espanhol**. Havia 27 em **russo**.

Os seguintes itens foram publicados entre 15 de março e 19 de abril de 2024:

(Títulos mais recentes acima)

1. Remembering that Jesus is a Jew - Carlos Cardoso Aveline
2. Lembrando que Jesus é um Judeu - Carlos Cardoso Aveline
3. The Aquarian Theosophist, April 2024
4. Ideias ao Longo do Caminho - 57 - Carlos Cardoso Aveline
5. El Monasterio Invisible - Carlos Cardoso Aveline
6. The Invisible Monastery - Carlos Cardoso Aveline
7. El Teósofo Acuariano 029, Abril de 2024
8. O Conhecimento Vem em Visões - Helena P. Blavatsky
9. Knowledge Comes in Visions - Helena P. Blavatsky
10. Ideias ao Longo do Caminho - 56 - Carlos Cardoso Aveline
11. El Monte del Templo Como Fuente de Paz - Carlos Cardoso Aveline

12. Rules of a Theosophical Headquarters - Boris de Zirkoff (Ed.)
13 O Monastério Invisível - Carlos Cardoso Aveline
14. O TEOSOFISTA, Março de 2024

NOTA:

[1] Os websites associados incluem **www.FilosofiaEsoterica.com**, **www.CarlosCardosoAveline.com**, **www.HelenaBlavatsky.net**, **www.TheosophyOnline.com**, **www.HelenaBlavatsky.org**, **www.TheAquarianTheosophist.com** e **www.RussianTheosophist.com**. Visite nosso blog em "**The Times of Israel**".

000

A Teosofia Direta no WhatsApp

Veja um dos grupos da **Loja Independente de Teosofistas, LIT**, no **WhatsApp**: **https://chat.whatsapp.com/6MB7dWbqNmx68hEzVshbHk**

000

Visite o canal da Loja Independente de Teosofistas no **YouTube** e faça sua assinatura **gratuita**.

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000

O Teosofista

Ano XVII, Número 203, Abril de 2024. O Teosofista é uma publicação mensal eletrônica da Loja Independente de Teosofistas e seus Websites Associados, entre os quais estão www.FilosofiaEsoterica.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.CarlosCardosoAveline.com e www.TheosophyOnline.com. Editor geral: Carlos Cardoso Aveline. Editora assistente: Joana Maria Pinho. Administração: Arnalene Passos do Carmo. Contato: indelodge@gmail.com. Facebook: SerAtento, FilosofiaEsoterica.com, e Brasil Atento, entre outras páginas e grupos. "O Teosofista" está registrado no INPI brasileiro desde 5 de julho de 2013 sob o número 906469538.

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000